



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
Trabalho de Conclusão de Curso

RAFAELA MANCINI FABI

**ADOLESCÊNCIAS E SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO A
PARTIR DA ESTRATÉGIA DO CINE DEBATE**

SÃO CARLOS
2023

RAFAELA MANCINI FABI

**ADOLESCÊNCIAS E SAÚDE MENTAL: UM DIÁLOGO A
PARTIR DA ESTRATÉGIA DO CINE DEBATE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório à obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional, sob orientação da Profa. Dra. Maria Fernanda Barboza Cid e co-orientação da Doutoranda Danieli Amanda Gasparini.

SÃO CARLOS
2023

RESUMO

A literatura do campo da saúde mental infantojuvenil indica o contexto escolar como um espaço potente para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde mental de adolescentes, mas também sinaliza a escassez de produções nacionais sobre essa temática, especialmente no que se refere ao envolvimento dos adolescentes no processo de produção de conhecimento sobre si. Desta maneira, a presente pesquisa tem como objetivo compreender e analisar, junto a adolescentes estudantes de uma escola pública, elementos relacionados à temática da saúde mental na adolescência a partir da estratégia do Cine Debate. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, com a estratégia criativa do Cine Debate. Participaram do estudo adolescentes de uma escola pública do segundo ciclo do ensino fundamental, que participaram de 2 encontros, os quais foram exibidas obras cinematográficas seguidas por debates. Os adolescentes participantes também responderam a um questionário para avaliação do processo. Os debates e o processo avaliativo foram submetidos à Análise Temática de Bardin. Da análise dos resultados, emergiram três temáticas: "Perspectivas sobre relacionamentos: empasses, desafios e importância"; "Sentir-se na adolescência"; "O Cine Debate: como ser uma estratégia possível". O estudo contribui na apresentação das perspectivas dos adolescentes sobre este momento de vida, sobre o apoio social e sobre as formas possíveis de realizar uma atividade de debate a partir da temática da saúde mental no contexto escolar.

Palavras Chaves: Saúde Mental; Adolescência; Cine Debate; Metodologias criativas.

ABSTRACT

The literature in the field of child and adolescent mental health points to the school context as a potent space for the development of actions promoting the mental health of teenagers, but it also signals a shortage of national papers on this theme, especially concerning the involvement of teenagers in the process of producing knowledge about themselves. Thus, the present research aims to understand and analyze, in collaboration with adolescent students from a public school, elements related to the theme of mental health in adolescence using the “Cine Debate” strategy. A qualitative research was conducted using the creative strategy of “Cine Debate”. Teenagers from a public school in the second cycle of elementary education participated in the study, attending 2 sessions where films were screened, followed by discussions. The participating teenagers also responded to a questionnaire for process evaluation. The discussions and the evaluative process were subjected to Bardin's Thematic Analysis. Three themes emerged from the analysis of the results: "Perspectives on relationships: challenges, obstacles, and importance"; "Feeling in adolescence"; "Cine Debate: how to be a possible strategy." The study contributes to presenting the perspectives of teenagers on this stage of life, on social support, and on possible ways to conduct a debate activity based on the theme of mental health in the school context.

Keywords: Mental Health; Adolescence; “Cine Debate”; Creative Methodologies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	9
3. METODOLOGIA	10
4. RESULTADOS	16
5. DISCUSSÃO	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7. REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido conceitualizada através de estigmas que relacionam essa fase como um período de rebeldia, crise, conflito ou tensão. Para além dessas questões, ser adolescente também está relacionado com a linguagem, aparência, modo de questionar, ou a criatividade. Dessa forma, é possível considerar o conceito de adolescências, no plural, já que este momento de vida é subjetivo, dependendo dos contextos e experiências do sujeito nas quais envolvem as dimensões biológica, histórica, cultural, social e política. (Ozella; Aguiar, 2008; Moreira et al., 2011; Gasparini, 2022).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021) ações de promoção da saúde mental de adolescentes são fundamentais, na medida em que os dados recentes têm apontado altos índices de sofrimento psíquico nesta população. O suicídio foi identificado como a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos no mundo, sendo relacionado com a vivência da depressão. (OMS, 2021). Tais dados, que já vinham em um movimento crescente, têm aumentado ainda mais, em escala global após o acontecimento da pandemia da Covid-19, que impactou de forma negativa o cotidiano destas pessoas devido a limitação do convívio social e na circulação de espaços como a escola. (Loades et al., 2020; Oliveira et al., 2020).

No Brasil, este cenário foi potencializado, devido ao aumento da desigualdade social, o que vulnerabilizou ainda mais a população de baixa renda, incluindo os adolescentes que, além de enfrentarem a ausência de seus espaços de referência e circulação cotidiana (especialmente a escola, mas também contextos de esporte, lazer e saúde), assumiram papéis de suporte em casa para que os responsáveis pudessem seguir trabalhando e garantindo o sustento familiar. A esta situação, soma-se a intensificação das situações de violência vivenciadas por mulheres, crianças e adolescentes no contexto familiar (Cid et. al, 2020; Gasparini, 2022; Souza, 2022).

No entanto, embora a necessidade de estratégias e ações de promoção à saúde mental de adolescentes seja fundamental, é preciso pontuar que, no cenário brasileiro, as discussões de políticas de atenção à saúde mental de crianças e adolescentes tiveram início apenas no começo dos anos 2000, configurando um contexto importante de atraso no planejamento de políticas públicas fundamentadas e direcionadas a essa população, questão que foi pautada na III Conferência Nacional de Saúde Mental em 2001, na qual reconheceu as crianças e adolescentes como sujeitos psíquicos e com necessidades de saúde mental. A partir dessa e outras discussões, o Estado Brasileiro inicia a construção da Política Nacional de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, considerando que “não há produção de saúde sem a produção de saúde mental”,

expandindo a perspectiva de tratar para “incluir ações como acolher, escutar, cuidar, possibilitar ações emancipatórias, enfrentar estigmas e determinismos e melhorar a qualidade de vida das pessoas” (Brasil, 2014, p.23 e 27) por meio de uma reorientação do modelo de assistência, considerando dispositivos de base comunitária e norteados pela lógica da operação em rede e do território. (Couto, Delgado, 2015; Brasil, 2014).

Nessa perspectiva, esta mesma Política considera o território como um espaço potente de produção de cuidado e vida, para além de uma área geográfica, um local em que é possível exercer papéis sociais, criar vínculos e pertencer. (Santos, 1998; Brasil, 2014). A intersetorialidade também é outro dispositivo apontando, que se utiliza da articulação e comunicação de saberes e experiências entre vetores para a construção de uma intervenção compartilhada entre diversos atores (educação, saúde e cultura) com o objetivo de superação de problemáticas complexas localizadas no território. Consequentemente, o uso do território a partir de ações intersetoriais produz o aumento de contratualidade, estímulo à cidadania e autonomia dos sujeitos. (Taño et al., 2021).

Segundo Teixeira e colaboradoras (2021, p. 35), para que ocorra a efetivação da ação intersetorial em cada território “há a necessidade de articulação entre os dispositivos dos diferentes setores públicos envolvidos no cuidado de crianças e adolescentes”. Concomitantemente, Taño e autoras (2021) indicam que sendo a Saúde Mental de adolescentes um tema transversal, as instituições de diferentes campos do cotidiano destes sujeitos são necessárias. Diante disso, espaços como a escola se tornam fundamentais e potenciais para ações de promoção à saúde mental, visto que há uma longa permanência de adolescentes nesse ambiente, compondo assim, parte de seu cotidiano. (Cid; Gasparini, 2016).

O cotidiano escolar brasileiro é atravessado por uma série de violências - contra a escola, da escola e na escola. Dentro desse contexto é possível notar violência entre alunos, alunos e professores e a depredação do ambiente, sendo a que mais afeta a escola é a violência protagonizada pelos alunos. Além disso, a maneira como se estruturam as relações hierárquicas no sistema educacional acabam se tornando uma violência simbólica, ou seja, quando o professor é o alvo e autor dessa violência. As políticas educacionais não são capazes de enfrentar os desafios da precarização do ensino, como o aumento no número de alunos, baixos salários e a desvalorização social, sendo caracterizada como uma violência contra a escola (Ristum, 2023).

Posto isso, as escolas têm sido um dos cenários propícios para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde mental voltadas para adolescentes. É dentro desse contexto que existe a possibilidade de articulação entre os profissionais da saúde, professorado e estudantes para a construção de estratégias significativas, com o objetivo de reduzir o conflito presente no

cotidiano escolar. Além disso, as ações de promoção à saúde mental nesses espaços precisam ser baseadas no reconhecimento da palavra dos adolescentes, possibilitando a criação de espaços de tomada de decisões conjunta, construção do senso de identidade e conexão desta população com a comunidade escolar. (Wells et al., 2003; Souza et al., 2021; Teixeira et al., 2021).

Cid e Gasparini (2016), a partir de um estudo de revisão sobre ações de promoção à Saúde Mental infantojuvenil no contexto escolar, apontam para associações existentes entre a saúde mental dos adolescentes e o desempenho escolar. Os resultados encontrados relatam que os problemas emocionais e de comportamento de adolescentes é expresso predominantemente neste ambiente e estão relacionados com o baixo desempenho escolar, envolvendo fatores do contexto familiar, social, econômicos e culturais presentes no cotidiano desses jovens. Além disso, os achados indicaram que as ações relatadas nos artigos encontrados parecem “pontuais e desarticuladas de outros equipamentos de atenção à saúde” desse público e, também, são ações que “não consideram as realidades e demandas das populações-alvo” em seu planejamento.

Um recurso que pode ser potente para a promoção da saúde mental dos adolescentes no ambiente escolar é a arte. De acordo com Castro e Silva (2002), a arte é um importante recurso no campo terapêutico, é uma forma de conhecimento da realidade. O recurso artístico foi utilizado nas primeiras tentativas de humanização dos atendimentos realizados nas instituições de saúde mental, possibilitando a reorganização psíquica e reinserção social. (Silveira, 1981). O cinema pode estar dentro dessa possibilidade artística, pois ele pode “oferecer as possibilidades de tentarmos ser outra(s) coisa(s), para além do que já somos, sem deixar de ser o que somos.” (Skliar, 2016, p. 23). Ou seja, a partir de linguagens cinematográficas, o sujeito pode experimentar ser outro, viver em outro lugar, pertencer a outra cultura, se identificando e se comovendo com outras realidades.

O Art. 58 do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura” (Brasil, 1990). Nessa perspectiva, utilizar de linguagens cinematográficas para promoção de debates em torno de temáticas do cotidiano escolar com os estudantes se torna uma ferramenta potente, contribuindo assim para o desenvolvimento e para a ampliação das atividades culturais dos alunos. Posto isso, o Cine Debate torna-se uma potencial ferramenta metodológica, visto que envolve a exibição de um filme seguido por uma discussão entre os participantes sobre os temas abordados, favorecendo a reflexão, estimulando o pensamento crítico e permitindo que os participantes compartilhem suas perspectivas e experiências (Berti, Carvalho, 2013).

Porém, Cid e Gasparini (2016) sinalizam sobre a falta de investigações sobre a promoção da saúde mental de adolescentes no contexto escolar, em âmbito nacional. Souza e colaboradoras (2021) também verificaram que essa escassez acontece na América Latina. As autoras também não encontraram, em seu estudo de revisão, nenhuma produção analisando a arte como possibilitador de promoção da saúde mental na escola e, ainda sinalizam, sobre a falta de produções que considerem os adolescentes na definição das propostas de promoção.

Frente ao exposto, essa pesquisa visa contribuir com uma prática de promoção à saúde mental de adolescentes no ambiente escolar a partir do acesso da modalidade de arte, utilizando como recurso inovador e potencial o cinema como promotor de discussões, debates e conhecimento sobre saúde mental nas adolescências, além de potencializador da participação da população adolescente neste processo.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender e analisar, junto a adolescentes estudantes de uma escola pública, elementos relacionados à temática da saúde mental na adolescência a partir da estratégia do Cine Debate.

Objetivos Específicos:

- Identificar a perspectiva de adolescentes estudantes de uma escola pública, sobre o cinema como uma possibilidade de recurso a ser utilizado no fomento de debates sobre temáticas de interesse dessa população no contexto escolar.
- Identificar a perspectiva de adolescentes estudantes de uma escola pública, sobre o Cine Debate como uma estratégia de promoção à saúde mental no contexto escolar.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. As pesquisas qualitativas se dedicam ao aprofundamento da realidade, das suas relações, representações e opiniões de um determinado grupo ou processo, na busca de explicar os seus aspectos e suas dinâmicas sociais, caracterizando-se pela sistematização do conhecimento para a sua compreensão. (Silveira, Córdova, 2009; Minayo, 2014).

Já as pesquisas exploratórias procurando proporcionar informações mais detalhadas e maior familiaridade sobre o fenômeno, buscando novos enfoques e o tornando mais explícito. (Silveira, Córdova, 2009; Prodanov Freitas, 2013).

A pesquisa também pretendeu considerar, em seu percurso metodológico, a adoção de um método criativo, de caráter inovador, o Cine Debate, no sentido de favorecer e potencializar a participação de adolescentes vinculados a uma escola pública. O uso de metodologias criativas é uma estratégia que visa acessar a realidade dos participantes através de formas diferentes de comunicação, possibilitando um trabalho colaborativo com os mesmos e buscando um envolvimento ativo no processo de investigação, trazendo percepções para além dos discursos. Justifica-se o uso deste caminho metodológico por conta das indicações da literatura que apontam a necessidade de ampliar os lugares de fala dos adolescentes, população-alvo desta investigação, já que as metodologias utilizadas tradicionalmente, que foram elaboradas para acessar os discursos dos adultos, podem não ser suficientes para acessar as percepções desta população. (Liebenberg, 2009; Mannay, 2017; Parrilla-Latas et al., 2016; Johansson et al., 2007; Rossi et al., 2019; Gasparini, 2022).

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa 16 adolescentes, estudantes de uma escola pública localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, com idade entre 11 e 13 anos. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão para a participação no estudo:

- Ser adolescente de acordo com a Organização Mundial da Saúde, ou seja, possuir de 10 a 19 anos de idade;
- Ser aluno/a regularmente matriculado/a na escola em que o projeto se desenvolveu;

- Aceitar participar do estudo, mediante assinatura do Termo de Assentimento e ser autorizado/a pelos/as responsáveis a participar, por meio de assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como critérios de exclusão, considerou-se os adolescentes que foram impossibilitados/as de participar do estudo que, por algum motivo, não conseguiram vivenciar pelo menos um processo integralmente, ou seja, assistir um filme completo e participar do debate na sequência.

3.2 Local de estudo

O estudo desenvolveu-se em uma escola pública de segundo ciclo do ensino fundamental e ensino médio localizada em uma cidade de médio porte do interior paulista.

A escolha da escola se deu por conveniência, considerando que na mesma já eram realizadas ações de extensão universitária, as quais a pesquisadora já estava inserida, sendo a instituição aberta e interessada em contribuir com o desenvolvimento do estudo.

3.3 Instrumentos para a produção de dados:

Para o processo de produção de dados, considerou-se o Cine Debate, técnica que, segundo Berti e Carvalho (2013, p.191) “busca promover encontro entre as pessoas e, ao mesmo tempo, aproximá-las das experiências que vivem e produzem em sociedade”. Ainda segundo as autoras, acontece por meio da apresentação de uma produção cinematográfica para um grupo de pessoas, seguida de uma roda de conversa para a discussão e depois de um processo de avaliação.

A equipe de pesquisa elaborou um roteiro para cada cine debate realizado, no qual consistia perguntas abertas e amplas para instigar a discussão, como: “o que acharam da obra cinematográfica” “o que chamou atenção nela?”, e “conseguem identificar questões que foram abordadas e que se relacionam com a realidade de vocês?”, “conseguem identificar questões que foram abordadas e que se relacionam com a saúde mental?” “o que acharam da atividade de cine debate?”, considerando os critérios utilizados para a seleção das obras cinematográficas, os elementos trazidos por elas e os objetivos do estudo. É importante destacar que as obras cinematográficas selecionadas já abordavam a temática de saúde mental, e por isso, as perguntas formuladas no roteiro não eram somente específicas sobre essa temática justamente para que os participantes abordassem-a espontaneamente.

Também foi utilizado um questionário, na plataforma do *Google Forms*. O mesmo foi elaborado pelas autoras e continha questões relacionadas à potência da estratégia do Cine Debate, como “o que gostou mais nessa atividade?”, “você acha que é uma boa atividade para utilizar na escola para discutir sobre saúde mental?”, “Você preferiu assistir o curta metragem, o longa ou

os dois?”, “você aprendeu alguma coisa com os debates?”, “se a gente fosse fazer um novo cine debate, o que você mudaria?”. O objetivo do formulário era aprofundar com os participantes os elementos sobre o que os mesmos achavam do processo, se ela foi efetiva para a discussão da temática do estudo.

3.4 Procedimentos do estudo

3.4.1 - Aspectos éticos: O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, expresso pelo CAAE: 63436222.7.0000.5504 , Parecer: 5.923.639. Aos participantes e aos seus responsáveis foram apresentados o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Assentimento.

3.4.2 - Localização e identificação dos participantes: Foi realizado o contato com a escola alvo para o desenvolvimento da pesquisa, solicitando a autorização para a realização desta. Após a autorização da escola, foi identificado os potenciais participantes em conjunto com a equipe gestora da escola, considerando e respeitando a dinâmica escolar e suas possibilidades. Neste processo junto com a equipe gestora, considerou-se a aproximação de um grupo de adolescentes que já era realizado na escola em ações de extensão universitária. As pesquisadoras do estudo se aproximaram do grupo, fizeram o convite aos adolescentes para a participação. Em seguida os estudantes submetidos aos Termos de Assentimento, bem como seus responsáveis aos Termos de Consentimento Livre Esclarecido.

A partir deste processo, 16 adolescentes consentiram com a participação nos encontros para a realização dos Cine Debates, sendo 12 indicando ser do gênero feminino e 4 do gênero masculino. As idades variaram entre 11 e 13 anos.

3.4.3 - Elaboração e adequação dos instrumentos para produção de dados: No estudo, foi utilizado o cine debate como o caminho para a produção de dados. Dessa forma, a equipe de pesquisadoras selecionou algumas obras cinematográficas, considerando a classificação indicativa do Sistema Brasileiro (produções de classificação indicativa até 12 anos, sendo (longas e curta metragens), os quais abordavam a temática da adolescência e de alguns elementos que podem estar relacionados à saúde mental (tais como relações interpessoais, expressão de emoções e comportamentos frente à situações da vida, contextos e expectativas socioculturais, experiências de situações de sofrimento psíquico, dentre outros) e apresentaram as sinopses aos/às participantes para que escolhessem. Após, foi realizada a exibição de cada produção escolhida, seguida de debates com o grupo de adolescentes.

Ressalta-se que foram realizados dois Cines Debate, sendo o primeiro a partir de um curta-metragem e o segundo a partir de um longa-metragem.

Os roteiros para disparar os debates também foram elaborados pela equipe de pesquisa do estudo (aluna de iniciação científica, orientadora e co-orientadora), baseando-se nos objetivos do estudo e as obras cinematográficas selecionadas.

Após a realização dos dois encontros, a equipe de pesquisa também construiu um questionário buscando aprofundar suas percepções sobre a estratégia do Cine Debate. Ele foi elaborado pelas pesquisadoras e continham questões relacionadas ao que os adolescentes acharam da estratégia, qual obra cinematográfica acharam mais interessante, quais as facilidades e dificultadores que identificaram no processo e se achavam a estratégia potente para poder disparar a discussão sobre a temática da saúde mental.

3.4.4 - Produção de dados: Foram realizados dois encontros para o cine-debate entre maio e junho de 2023.

No primeiro encontro participaram 16 alunos(as), sendo realizado na biblioteca da escola na qual o projeto estava sendo desenvolvido. A equipe responsável pela pesquisa apresentou a proposta do encontro para os/as adolescentes participantes. Foram indicadas a sinopse de três curtas metragens selecionados: “Fitas” (2020)¹; “LOU” (2017)² e “Hair Love” (2019)³. Em seguida, houve uma votação com os/as participantes e o curta selecionado por eles foi “Fitas”. Este curta metragem acompanha o processo de dois personagens, Rene e Marcus, que se relacionam com o mundo de formas diferentes. Rene, de 13 anos, é uma menina autista e não se comunica oralmente. Ela e Marcus, que não conhece a vivência não verbal, possuem a mesma paixão em comum: a canoagem. A produção cinematográfica teve duração de 9 minutos foi assistida junto com os/as adolescentes e na sequência, os pontos disparadores do roteiro para o debate foram apresentados para estímulo do início do debate, o qual se desenvolveu. No processo, os adolescentes foram apresentados elementos que procuraram ser aprofundados pelas pesquisadoras do estudo. O debate ocorreu no mesmo espaço e teve duração de aproximadamente 30 minutos.

¹ FITAS. Direção: Erica Milsom. Roteiro: Erica Milsom. Estados Unidos: Pixar, 2020. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.

² LOU. Direção: Dave Mullins. Roteiro: Dave Mullins. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2017. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.

³ HAIR Love. Direção: Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith. Produção: Matthew A. Cherry, Karen Rupert Toliver, Monica A. Young. Estados Unidos: Sony Pictures Releasing, 2019. Disponível em: https://youtu.be/kNw8V_Fkw28. Acesso em: 28 abr. 2023.

No segundo encontro, também participaram 16 alunos(as) e este foi realizado num espaço fornecido por uma instituição parceira, um Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, considerando a estrutura física e de recursos para a exibição da obra cinematográfica: uma sala ampla, com tela para a projeção.

Novamente a proposta do encontro foi apresentada aos/às participantes e exibido três *trailers* de longas metragens: “Enrolados” (2010)⁴; “Divertida Mente” (2015)⁵ e “Red: crescer é uma fera” (2022)⁶. Em seguida, houve uma votação com os/as adolescentes e o filme selecionado por eles e elas foi “Red: crescer é uma fera”, de duração de 1 hora e 40 minutos. O longa-metragem conta a história da jovem Mei, que aos 13 anos enfrenta os desafios do adolescer, além de precisar lidar com o fato de se transformar em um panda-vermelho. Assim como no primeiro encontro, a produção cinematográfica foi assistida e na sequência debatida no mesmo espaço por aproximadamente 30 minutos, a partir do roteiro disparado que iniciou o debate, seguido da apresentação de elementos pelos adolescentes e estímulo do aprofundamento destas questões pelas pesquisadoras.

Os debates foram iniciados pelos roteiros elaborados pela equipe de pesquisa para instigar o diálogo e permitir o surgimento de temáticas por parte dos adolescentes. Além disso, ressalta-se que o tempo de duração dos debates foram limitados pela dinâmica escolar e dos/das participantes. Os debates dos dois encontros foram gravados em áudio.

Após a realização dos encontros, os adolescentes participantes foram convidados a responder o questionário elaborado pelas pesquisadoras para aprofundar suas percepções sobre o cine debate como uma estratégia possível para discutir a temática da saúde mental. Os adolescentes foram abordados individualmente e apresentados ao questionário, e o mesmo era respondido junto com a pesquisadora que o aplicava na ocasião.

3.5 Análise dos dados:

Os áudios das gravações dos debates e do processo avaliativo foram transcritos na íntegra e os temas emergidos dos questionários foram analisados a partir da técnica de Análise Temática de Bardin (2016), que consiste na exploração dos significados e concepção de temáticas a partir de núcleos de sentidos que compõem os dados, por meio das seguintes etapas sistematizadas:

⁴ ENROLADOS. Direção: Nathan Greno, Byron Howard. Estados Unidos: Walt Disney Animation studios e Walt Disney Pictures, 2011. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio 2023.

⁵ DIVERTIDA Mente. Direção: Pete Docter. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2015. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio. 2023.

⁶ RED: Crescer é uma Fera. Direção: Domee Shi. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2022. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio 2023.

Pré-análise, em que é feita a organização das ideias indiciais e o planejamento da condução do estudo; Exploração do Material a partir dos objetivos da pesquisa e a escolha das possíveis temáticas; Tratamento e Interpretação dos resultados.

O processo de análise foi realizado por dois membros da equipe de pesquisa (aluna de iniciação científica e co-orientadora) que se debruçaram sobre os dados a partir da leitura cuidadosa do material que foi produzido e buscando as temáticas que emergiram.

4. RESULTADOS

A partir da análise de dados foi possível identificar 3 temáticas centrais debatidas durante a atividade e abordadas nas respostas advindas dos questionários: Perspectivas sobre relacionamentos: empasses, desafios e importância; Sentir-se na adolescência; O Cine Debate: como ser uma estratégia possível?. É notável que a saúde mental em si não foi uma das temáticas debatidas entre os participantes, todavia, os assuntos emergidos durante o debate favoreceram a promoção da saúde mental dos adolescentes, visto que são aspectos do cotidiano que influenciam no bem-estar mental.

4.1 Perspectivas sobre relacionamentos: impasses, desafios e importância

Nos debates emergidos através das obras cinematográficas apresentadas aos adolescentes, verificou-se que eles abordaram a questão dos relacionamentos através de algumas perspectivas: os desafios no processo de se relacionar com outras pessoas; o relacionamento com pessoas ‘novas’, a forma de se relacionar com pessoas que apresentam alguma demanda específica.

Na análise dos resultados, foi possível verificar que os adolescentes participantes falaram sobre os desafios no processo de se relacionar com os pares, também com seus responsáveis. Os/as adolescentes participantes indicaram sobre a dificuldade em conseguir se comunicar com estas pessoas, além de também indicar o processo de “agradar o outro” na manutenção do vínculo afetivo. Mas muitas vezes eles [adolescentes] não se sentem ouvidos e acolhidos, trazendo a perda da confiança e o medo de se relacionarem de novo. Os trechos de falas dos debates exemplificam este ponto:

“Tipo às vezes as pessoas fazem muitas coisas para impressionar os pais, mas não fazem o que gostam. Não só agradar os pais, todo mundo, amigos, não ser o suficiente.”

“É um pouco difícil, porque eu não consigo me comunicar direito, então eu fico confuso, parece que o que eu só faço é afastar.”

“Eu fico com medo de me aproximar da pessoa, criar intimidade, e depois a pessoa falar tudo que eu me abri com ela para outra pessoa.”

Além disso, os/as participantes contaram sobre como é conhecer e se relacionar com pessoas novas, apresentando alguns detalhes na aproximação de sujeitos que não se conhecia antes. Para isso, os/as participantes indicaram que é necessário praticar o respeito, não se colocar num lugar de pré-julgamento e estar aberto para entender o outro:

“No início a gente tem chance de estranhar, mas depois a gente passa a achar legal, ou seja, nunca julgue um livro pela capa.”

“Às vezes uma coisa que eu gosto, pode ser engraçado para uma pessoa, mas para mim não é.”

Somado a estes fatores, eles/elas indicaram que para acolherem e criarem esse vínculo com estas pessoas novas, eles também precisam ser ouvidos:

“Primeiro a gente tem que se sentir acolhido, para poder acolher.”
“Porque poucas pessoas conhecem uma pessoa de verdade, tipo uma pessoa pode tá expressando algo naquele momento, mas no fundo do coração dela ela pode tá sentindo algo diferente. Mas as amigas dela aceitaram ela...”

É importante ressaltar também a forma como eles se relacionam com pessoas que possuem algum tipo de dificuldade e/ou demanda específica. Na análise dos resultados, percebeu-se que eles/elas falaram sobre como é estar com pessoas que apresentam algum tipo de dificuldade, ou questões específicas - como transtornos, deficiências. Relataram sobre os caminhos possíveis na aproximação e acolhimento dessas pessoas, a curiosidade para entender o porquê ela é ‘diferente’, o receio pelo julgamento antes de conhecer e a vontade de saber como acolher. O acolhimento para eles é quando estão próximos de pessoas que conhecem de verdade, ou seja, pessoas que sabem do que gostam de fazer e que os aceitam do jeito que é, gerando a sensação de pertencimento, escuta e amorosidade. A seguir, alguns trechos ilustrativos desta questão:

“Tem vezes que vamos receber pessoas com condições especiais na escola, temos que aprender a se comunicar com essa pessoa.”
“Tentaria ajudar ela [...]. Dar água para ela, acalmar, passar uma água no rosto. [...] Tentaria fazer algo para mudar o foco, para ver se melhora a situação. Colocar uma música?”
“Eu achei engraçado no começo, não sabia que ela tinha um problema, ela ficava imitando a música. [...] Eu percebi porque lembrei de uma parente que é muito igual [...].”

4.2 Sentir-se na adolescência

Outra temática abordada pelos adolescentes foram questões sobre a adolescência, falas que trazem sobre como é se sentir adolescente, trazendo como dificuldade: se sentirem acolhidos, pertencidos e reconhecidos, mas também as potencialidades de “amadurecer”, ter mais autonomia e responsabilidade.

De acordo com os estudantes, o processo de adolecer é ter maior autonomia e poder fazer escolhas por si mesmo. Ou seja, é uma jornada de autodescoberta, de reconhecimento da individualidade, seus gostos e sonhos. Essa experimentação sem que tenha uma interferência dos responsáveis.

“[ser adolescente é] Quando eu tive que lidar com alguns problemas sozinho, por exemplo essas questões de amizade ou quando eu passo por algum momento que nem sei o porque estou chorando, acontece que ninguém está lá para ajudar em nada. Então foi aí que percebi que eu tinha que lidar com aquela situação.”

“[ser adolescente é] quando eu comecei a sentir coisas que eu não sentia quando eu era tão imatura, e hoje posso dizer que não sou a pessoa mais madura do mundo, mas não é por isso que eu não deixo de sentir coisas que eu não sentia antes.”

Mas muitas vezes este caminho de autoconhecimento e descoberta da própria identidade faz com que adolescentes tenham que lidar com problemas sozinhos. Segundo eles, isso faz parte do amadurecimento e de aprender a lidar com as responsabilidades.

“[ser adolescente é] quando preciso tomar decisões mais maduras, quando tive mais responsabilidades.”

“[ser adolescente é] quando eu percebi que nem todas as coisas eu preciso de amigo/amiga, algumas vezes tenho que resolver sozinho e guardar pra mim.”

Sobre as dificuldades de ser adolescente, a análise de resultados revela sobre o problema dos estudantes não se sentirem escutados e acolhidos. Isso acontece principalmente por parte dos pais que não reconhecem as demandas desses jovens.

“Às vezes a mãe não acolhe a filha por ela não se abrir, ela consegue se abrir só com os amigos.”

“Ela começou a se afastar da mãe dela, porque ela não tava se sentindo acolhida com a mãe dela, só por parte dos amigos.”

A dificuldade em identificar as amizades verdadeiras é outra barreira que atravessa no adolescer indicadas pelos/as participantes. É um momento marcado pela decepção e a quebra de confiança no outro, mas que trazem muitos ensinamentos.

“Tipo também tem essa questão quando a gente entra na adolescência, a gente acha que sabe quem está do nosso lado e que pode se contar, aí acaba quebrando nossa confiança.”

“Normalmente a gente demora um tempo para perceber. Às vezes a pessoa pode fazer bem para você naquele momento, mas em alguns momentos específicos essa pessoa não vai estar com você.”

Dentre essas possibilidades e dificuldades, existe um entrave entre experienciar para amadurecer e ser protegido para não se machucar. Os/as estudantes relatam que, em muitos momentos, os responsáveis impedem a oportunidade deles de experimentar situações, pensando na proteção, e isso faz com que eles não aprendam a lidar com seus problemas por si mesmos. Além disso, rompe o vínculo desse responsável com o adolescente, devido à falta de confiança.

“Os pais começam a prender mais a gente, sabemos que nossa relação com os pais são importante, mas nessa fase queremos crescer, aprender novas perspectivas, e acontece que ali quando estamos bem engajados naquele espaço

e no local, eles pensam que já estamos familiarizados com aquilo, então quando a gente começa a descobrir novas coisas, eles pensam que estamos fazendo ou algo de errado ou que estamos fazendo algo sem a permissão deles.”

Isso acontece pela comparação dos responsáveis com outras vivências que passaram pela adolescência ou que passaram com outro filho, por exemplo. Quando o filho é o mais novo, existe uma superproteção para que ele não passe por experiências de sofrimento. Concomitantemente, o irmão mais velho se sente responsável para lidar com essa proteção e responsabilidade.

“Quando você é o irmão mais velho, você vai ser mais maduro que os outros, porque quando você tá crescendo a mãe joga a responsabilidade mais nele, [...] e aí eles aguentam sozinhos, por isso a gente não expressa muita coisa.”

“Também acontece muito isso com o irmão mais novo [...] o que minha irmã fez no passado, eu não posso fazer, porque ela se deu mal, e eu carrego a culpa por ela não ter tido um caminho bom na vida.”

4.3 O Cine Debate: como ser uma estratégia possível?

Por fim, foi possível analisar o uso do Cine Debate como estratégia dentro das escolas para falar sobre a saúde mental dos adolescentes. Destaca-se que nesta temática foram contempladas as respostas dos adolescentes aos questionários, o qual foi totalmente contemplado nesse aspecto.

Os participantes a indicaram como uma atividade potente. Foi identificado que o uso de produções que façam relações e que fazem parte de suas vivências e contextos são mais atrativas e interessantes.

“Eu acho legal que eles mostram a fase que a gente está vivendo agora, que a gente tá crescendo e vivendo uma nova perspectiva.”

A importância do espaço também é crucial para os participantes. É necessário o uso de um local mais silencioso, para não interferir na concentração e no debate. Além disso, ele precisa ser confortável, como por exemplo: ter boas cadeiras, não ser um espaço abafado. Neste sentido, os participantes indicaram, por exemplo, que o debate foi melhor fora da escola, já que no contexto diferente foi possível garantir um espaço confortável e silencioso, onde buscou-se um local apropriado para a exibição do filme e com um espaço suficiente para receber os adolescentes. Já a escola não continha em sua estrutura um local específico para exibição de obras cinematográficas, sendo que no encontro realizado neste contexto, utilizou-se a biblioteca de forma adaptada para a exibição do filme e a realização do debate, o que gerou atravessamentos, como por exemplo a dificuldade em conter iluminação, em disponibilizar todos

em uma “roda de conversa” pela limitação do espaço e lidar com barulhos da dinâmica do espaço. Os trechos a seguir exemplificam:

“[...] Não estamos na escola”.

“[...] Estamos em roda”.

“[...] Aqui é mais calmo”.

“[...] Não tá abafado”.

Algo notório sobre a opinião dos adolescentes sobre o Cine Debate foi a preferência para assistir o longa-metragem, em comparação com o curta, indicando que o primeiro oferece mais elementos para o debate. Também foi indicado pelos adolescentes que assistir uma produção audiovisual ajuda no processo de debate, entendendo mais sobre o assunto, produzindo acesso a outras perspectivas e olhares para poder discutir e ter argumentos. Somado a estes aspectos, eles também apontaram que o momento do debate proporcionou a possibilidade de expressar suas opiniões de forma livre e criativa. Além disso, uma oportunidade de aprendizado em como se relacionar de forma respeitosa com outras pessoas do grupo. Os trechos a seguir exemplificam:

“[...] Um filme a gente vê completo, o curta não gostamos muito porque não foi tão detalhado”.

“[...] O filme é mais legal, porque assistiram mais detalhes”.

“[...] Ajuda a entender mais o assunto (o filme), a ter mais argumentos”.

5. DISCUSSÃO

A partir dos resultados da presente investigação, foi possível verificar que o Cine Debate demonstrou ser uma estratégia potente na criação de espaços de diálogo com adolescentes sobre temas que lhes são pertinentes, porém que não compõem, necessariamente, o currículo escolar.

Os dados obtidos neste estudo, demonstraram que, embora a proposta fosse de debater sobre saúde mental com os/as participantes, isso não ocorreu especificamente, no entanto, possibilitou dialogar sobre o processo de crescimento, o adolescer, e também sobre o papel dos relacionamentos interpessoais, mais especificamente, no que se refere a ouvir e ser ouvido, acolher e ser acolhido, de modo que a oportunidade de vivenciar este espaço, por meio do cine debate, pareceu ser promotor de saúde mental, na perspectiva dos próprios/as participantes.

Os adolescentes participantes da pesquisa indicaram a relevância dos Cines Debates visto que, na realização dessas atividades, foram consideradas obras cinematográficas que dialogavam diretamente com suas vivências. Considerando as atividades através da Terapia Ocupacional, a realização das mesmas oferecem aos sujeitos possibilidade de “reunir fragmentos de suas experiências e transformá-los em novos elementos, ampliando sua vida prática e concreta, complementando-a com conteúdos pessoais”. (Castro, Lima, Brunello, 2001, p. 50). Entretanto, a realização do Cine Debate por si só não possibilita essas situações, mas ocorre quando há uma abordagem que considera os fenômenos provocados nos participantes no seu planejamento e durante sua execução, além do contexto e realidade social que eles estão inseridos. Neste sentido, a atividade pode ser considerada como um elemento mediador entre o sujeito e a sociedade, sendo através dela que o encontro e o diálogo são possíveis. (Cardinalli, Casto, 2019; Castro et al., 2004).

Uma experiência similar realizada por Lima e colaboradores (2018) utilizou da linguagem audiovisual para disparar a problematização da realidade com a comunidade de Diamantino (MT). Realizaram encontros mensalmente com limite de até 60 participantes por sessão para garantir conforto no espaço. Foram selecionados 10 filmes a partir de temáticas relacionadas ao processo saúde-doença e no final das sessões eram realizadas rodas de debates utilizando material de apoio baseado nos referenciais teóricos de Paulo Freire e da Educação Popular em Saúde para mediar as discussões. Os resultados demonstraram que a ferramenta facilitou a abordagem das temáticas, contribuindo para transmissão de conhecimentos e na construção de uma sociedade mais crítica, além de promover a participação da comunidade. (Lima et al., 2018).

O contexto para a realização da atividade também foi indicado pelos adolescentes

participantes como crucial no processo de realização das atividades de Cine Debate. Como foi possível realizar um encontro na escola e outro num espaço fora deste contexto, eles indicaram o quanto o ambiente escolar não possui elementos que facilitem a exibição de obras cinematográficas e o debate, faltando ambientes adequados: uma sala reservada e silenciosa, que comporte a realização de uma roda de conversa, com iluminação e isolamento de ruídos adequados. Pode-se verificar, então, que a escola tem a dificuldade de garantir espaços de debates e reflexões aos alunos, bem como da temática da saúde mental, mesmo essas questões sendo indicadas como importantes para os adolescentes.

Estudos apontam que o ambiente escolar é atravessado por diversas violências, uma delas é a institucional que ocorre dentro das escolas devido suas regras e normas que reproduzem estruturas sociais injustas. Essa também está interligada com a violência simbólica e estrutural, envolvendo a qualidade de ensino precário; bem como a falta de recursos (materiais, físicos e humanos); as dificuldades nas formas de distribuição de espaços; a massificação do ensino; e a ênfase em rendimento escolar, a desvalorização do trabalho docente trazendo como consequência o pouco tempo destinado à atenção individualizada a cada aluno. (Marriel et al., 2023).

Mesmo com essas dificuldades apontadas, quando se fala em promover e debater saúde mental com os adolescentes é necessário considerar a questão da ambiência. De acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH), que trata das ações e instâncias no Sistema Único de Saúde (o SUS), a Ambiência é o tratamento dado não apenas ao espaço físico e estruturado, mas também ao espaço social e de relações, no qual deve proporcionar um ambiente confortável, que promova liberdade, autonomia e participação, investindo na produção de subjetividade. Ela se relaciona com a perspectiva da produção de saúde, pois possibilita a promoção da comunicação a partir da organização do espaço e das trocas sociais. (Willrich et al., 2013).

Emprestando o dispositivo da ambiência trabalhado no campo da saúde, os resultados desta pesquisa apontam que para promover um ambiente escolar convidativo para a realização da atividade é fundamental um espaço mais silencioso, confortável e apropriado para a exibição dos filmes para que não ocorram atravessamentos que envolvam o engajamento dos participantes na atividade. Concomitantemente, estudos com crianças e adolescentes no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), também revelam que investir em espaços de cuidado e promotores de saúde é um caminho potente para que a população seja reconhecida, promovendo autonomia e participação social. (Dimov; Lazzarotto, 2021).

Ao utilizar o Cine Debate como um recurso, foi oferecido aos estudantes a possibilidade de criação e expressão das suas subjetividades. Diante disso, foi possível identificar que a estratégia do Cine Debate promoveu processos transformadores nos estudantes quando eles

indicam que fez parte de um processo de aprendizagem, onde eles indicaram suas necessidades e suas percepções sobre o contexto escolar. Por isso, os resultados desta investigação também apontam para a necessidade de investir em melhores espaços de ambiência não apenas nos serviços de saúde, mas também dentro da escola. A garantia de espaços acolhedores, de escuta confortável e, a partir do acesso à arte e cultura pode ser uma estratégia potencializadora para expressão da diversidade e das necessidades, considerando cada sujeito, e produzindo, assim, saúde mental. Esses resultados também se correlacionam com as indicações de que o contexto escolar é considerado um local imprescindível para a promoção de saúde, bem-estar e desenvolvimento de adolescentes. (OPAS, 2022).

Na análise dos resultados, também, foi possível verificar que os participantes reafirmaram de forma contundente a influência das relações sociais para o processo de adolecer. Essa influência se manifesta tanto no processo de se relacionar com outros adolescentes, quanto com adultos, revelando os desafios e entraves desta situação. Também revelaram que para essa relação é necessário o pertencimento e o acolhimento.

É notável a importância do apoio social para a adolescência, já que é possível verificar que as amizades têm influência significativa no autoconceito de adolescentes, possibilitando a exploração do meio social, o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e de raciocínio moral, além do fortalecimento da autoeficácia e a capacidade de efetuar projeções para o futuro. Estas relações são vivenciadas com intensidade no contexto escolar. (Carvalho et al. 2017, p. 385 e 386).

Outra investigação também aponta que os adolescentes indicam que pertencem ao grupo de amigos, a sala de aula e a escola se constituem como uma referência, onde é possível encontrar apoio, construir relações de confiança, respeito e compreensão, bem como compartilhar desafios, sendo que se sentir pertencido nestes contextos podem influenciar a motivação, a sensação de bem-estar e até mesmo o desempenho acadêmico. (Longaretti, 2020).

Os achados desta pesquisa permitiram identificar a percepção dos adolescentes sobre esse momento de suas vidas. Os participantes indicaram o processo de adolecer como um momento em que o sujeito alcança maiores níveis de autonomia. Apontaram que isso ocorre através do autoconhecimento, compreensão de sua individualidade e na identificação dos próprios gostos e desejos, no entanto, disseram que muitas vezes se sentem sozinhos para lidar com essa transformação.

A adolescência é um período que pode durar entre os 10 aos 20 anos, porém não é claramente definido. Autoras como Papalia, Olds e Feldman (2006) indicam a adolescência enquanto um momento de transição - saída da infância para o mundo adulto - onde o sujeito

apresenta “oportunidades de crescimento, não apenas em dimensões físicas, mas em autonomia, autoestima e intimidade” (Papalia, Olds, Feldman, 2006, p. 441). As autoras ainda destacam embora pode-se considerar a puberdade - a maturação sexual e a fertilidade - como um marcador de início deste momento da vida, a questão da entrada para o mundo do trabalho e o ingresso e uma profissão também é um ponto importante na transição da infância para o mundo adulto, questões que também parecem se correlacionar com o alcance de níveis de autonomia, como os adolescentes participantes da pesquisa indicaram.

Porém, os participantes não sinalizaram o processo de adquirir uma profissão e não um processo de transição, mas apontaram que o alcance da autonomia e o processo de autodescoberta, que relaciona-se com conseguir lidar com problemas sozinho, como questões que ajudaram a perceber que se tornaram adolescentes. Correlacionando com esses achados, pode-se verificar o estágio de Operações Formais de Piaget, que ocorre a partir dos 11 anos, onde os sujeitos desenvolvem a capacidade do pensamento abstrato, o que faz com que tenham a capacidade de produzir o raciocínio hipotético-dedutivo, de criar uma hipótese e um experimento para testá-la, trazendo elementos para a resolução de problemas. (Papalia, Olds, Feldman, 2006, p. 456).

Ainda sobre esse processo de alcance de uma maior autonomia, os adolescentes participantes indicaram a experimentação de vivências sem a intervenção dos pais/responsáveis. Relataram ainda um dilema: que em muitos momentos, os responsáveis bloqueiam a oportunidade de novas experiências, por conta de um sentimento de superproteção. Os envolvimento parentais se relacionam com a forma que os adultos criam seus filhos. Nesse caminho, pais com estilos parentais democráticos administram o cuidado com equilíbrio, entre cobranças e garantia de participação nas decisões familiares, enquanto estilos parentais autoritários têm atitudes proibicionistas, não permitindo que os adolescentes apresentem seus questionamentos. (Papalia, Olds, Feldman, 2006, p. 464).

No caminho das práticas parentais, os participantes indicaram que a superproteção ocorre também pela comparação com os irmãos mais velhos ou mais novos, o que é incômodo aos adolescentes e limita o alcance da autonomia. Quando eles indicam que são diferentes dos irmãos que já passaram pela adolescência e que o momento que estão vivendo será diferente daquele que os irmãos mais novos irão passar, podemos então reafirmar o quanto este momento da vida reflete o contexto sociocultural e histórico, em que os significados sociais das alterações corporais e psicológicas é que irão refletir no modo de ser da pessoa. (Coutinho, 2009; Moreira, Rosário, Santos, 2011). Por essa razão, tem-se a importância de compreender a adolescência na sua pluralidade, ao invés de focalizar apenas em questões homogeneizadoras que focalizam na

busca por padrões específicos. (Gasparini, 2022).

Simultaneamente, Araújo e autores (2011) realizaram um estudo qualitativo e exploratório com adolescentes entre 12 a 18 anos, a fim de compreender o processo de adolecer na percepção deles a partir da entrevista semiestruturada. Um dos resultados indica a adolescência como uma etapa de transformação que favorece na produção de autonomia e responsabilidade - similar com os resultados apresentados neste estudo. Nesse processo eles experimentam os limites entre enfrentar desafios sozinhos e continuar dependentes da família até se sentirem preparados. Outro apontamento do estudo é sobre estabelecer limites para auxiliar nesse processo, pois os adolescentes ainda não se sentem maduros o suficiente para tomarem decisões. Todavia, esses limites devem fazer parte de um consenso e terem motivos, propiciando questionamentos e amadurecimento através das negociações com os pais. Essa situação pode acabar gerando conflitos, tanto pela parte dos pais que se sentem inseguros devido às lembranças de suas adolescências, quanto por parte dos adolescentes que em busca da independência acabam se opondo às opiniões dos responsáveis (Araújo et al., 2011).

Esses achados, assim como os resultados da presente investigação indicam que, mesmo sendo possível encontrar semelhanças, cada processo de adolecer é construído pelo sujeito, pelo momento histórico e sociocultural que faz parte. Por isso, autores têm reafirmado a importância de se considerar a adolescência ampliando às lógicas desenvolvimentistas e da ideia de que existam uma adolescência universal, indicando que para compreender o adolecer é necessário considerar o momento histórico, a cultura, o contexto, convocando uma multiplicidade de referenciais. (Castro, 2021; Silva et al. 2014).

A população adolescente enfrenta o desafio de terem suas necessidades consideradas, como também apontou os resultados desta investigação, em que os participantes indicaram que não se sentem acolhidos e escutados, processo que ocorre nos relacionamentos com outros pares, mas principalmente pelos pais. A literatura aponta que os adolescentes sofrem com a falta de confiança por parte dos adultos e professores. Isso faz com que eles se sintam desvalorizados e desacreditados, o que pode diminuir a participação. Essa dificuldade em participar também é visível nas ações de cuidado em saúde mental, onde autores apontam sobre a necessidade de avançar nas práticas que consigam contemplar as singularidades dos adolescentes e dos contextos que eles fazem parte. (Silva et al., 2015; Rossi et al., 2019; Luz et al., 2018).

Desta forma, é preciso progredir no desenvolvimento de práticas que reconheçam o lugar de fala dos adolescentes. Da mesma forma que as perspectivas de adultos - pais, responsáveis - sobre a adolescência são levadas em consideração, os próprios sujeitos que estão passando por esse momento de vida devem encontrar espaços de diálogo para demandarem sobre suas

necessidades, experiências e percepções de suas vidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos da presente investigação, foi possível verificar que os adolescentes apresentaram temáticas que relacionam com a saúde mental: a importância dos relacionamentos e o processo de adolecer. Ainda foi possível analisar o Cine Debate como uma estratégia possível para abordar a temática junto desta população.

Os relacionamentos foram abordados como importantes para a adolescência e que esse processo é cercado por desafios, principalmente quando é necessário estar com pessoas novas ou que enfrentam alguma situação específica – alguma deficiência ou transtorno específico. Foi indicada a importância do acolhimento e pertencimento nestas situações.

O momento da adolescência foi indicado como um momento de construção de maior autonomia, responsabilidade e autodescoberta, tendo o distanciamento das influências de seus responsáveis, na dinâmica de ter que lidar com questões sozinhos.

O Cine Debate foi apontado como uma estratégia potente para a discussão da saúde mental junto de adolescentes. Mas para isso, é necessário considerar obras cinematográficas que dialoguem com os elementos que são próprios deste momento de vida. A realização desta atividade também revelou alguns desafios do contexto escolar, relacionados a sua estrutura e organização: falta de espaços e materiais para a sua realização, o que na percepção dos adolescentes, faz diferença na sua efetivação.

Destaca-se que o trabalho apresentou limitações, como o acesso a participantes com um perfil, de um contexto específico e com atravessamentos da dinâmica escolar. Mesmo assim, a pesquisa conseguiu identificar percepções dos próprios adolescentes que podem contribuir na construção de diálogo sobre a temática da saúde mental dentro da escola, bem como ações de promoção neste contexto.

Além disso, foram encontrados poucos estudos que tragam as percepções dos adolescentes sobre essa fase de vida, os resultados desta presente investigação reforçam a importância de novas produções que considerem o protagonismo desses sujeitos.

Por fim, acredita-se que este trabalho contribuiu para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde mental de adolescentes, colocando suas perspectivas como foco central e na elaboração de práticas e construções que sejam mais participativas dentro do contexto escolar.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. C.; LUNARDI, V. L.; SILVEIRA, R. S.; THOFEHRN, M. B.; ADRIZE RUTZ PORTO, A. R..Transição da Adolescência para a Fase Adulta na Ótica de Adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2011 abr/jun; 19(2):280-5.

BARDIN, L. Análise de conteúdo: tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTI, A.; CARVALHO, R. M. O Cine Debate promovendo encontros do cinema com a escola. **Pro-Posições**, v. 24, n. 3 (72), p. 183-199, set./dez. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir** direitos. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf . Acesso em 03 de agosto de 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Art. 58. Dispõe sobre o direito à educação, ao lazer e à cultura da criança e do adolescente, estabelecendo suas garantias e responsabilidades.

CARDINALI, I.; CASTRO, E. D.. Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. 2019. v.3(4): 584-601.

CARVALHO, R. G.; FERNANDES, E.; CÂMARA, J.; GONÇALVES, J. A.; ROSÁRIO, J.; FREITAS, S.; CARVALHO, S. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 34, n. 3, p. 379-388, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000300006>. Acesso em 14 de setembro de 2023.

CASTRO, E. D. DE, INFORSATO, E. A., BUELAU, R. M., VALENT, I. U., & LIMA, E. A. (2016). Território e diversidade: trajetórias da terapia ocupacional em experiências de arte e cultura/ Territory and diversity: paths of Occupational Therapy in art and culture experiences. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, 24(1), 3–12. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0663>. Acesso em 05 de julho de 2022.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-62.

CASTRO, E. D. DE; SILVA, D. de M. (2002). Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**, 13(1), 1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i1p1-8>. Acesso em 05 de julho de 2022.

CASTRO, L. R. de. Os universalismos no estudo da Infância – a criança em desenvolvimento e a criança global. In: CASTRO, L. R. de. Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 41 – 60.

CASTRO, E. D. et al. Análise de Atividades: Apontamentos para uma Reflexão Atual. Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares. São Paulo: Roca, cap 3, 2004 .

CID, M. F. B.; GASPARINI, D. A. Ações de promoção à saúde mental infanto-juvenil no contexto escolar: um estudo de revisão. **Revista FSA**, Teresina, v. 13, n. 1, p. 97-114, 2016.

CID, M. F. B. ; FERNANDES, A.D.A. ; MORATO, G. G. ; MINATEL, M. M. . Atención Psicosocial y Pandemia de COVID-19: Reflexiones sobre la Atención a Infancia y Adolescencia que Vive en Contextos Socialmente Vulnerables. *Multidisciplinary Journal of Educational Research* , v. 10, p. 178-201, 2020.

COUTINHO, L. G. Adolescência e errância: destinos do laço social contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G.. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 17-40, 2015.

DIVERTIDA Mente. Direção: Pete Docter. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2015. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio. 2023.

DIMOV, T.; LAZZAROTTO, P.. A Função Terapêutica do Conviver e do Brincar: o dispositivo da ambiência nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial**. ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. cap. 1, p. 2-20. ISBN 978-65-5576-192-4.

ENROLADOS. Direção: Nathan Greno, Byron Howard. Estados Unidos: Walt Disney Animation studios e Walt Disney Pictures, 2011. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio 2023.

FITAS. Direção: Erica Milsom. Roteiro: Erica Milsom. Estados Unidos: Pixar, 2020. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.

GASPARINI, D. A. **Saúde Mental e Sofrimento Psíquico na Perspectiva de Adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2022.

HAIR Love. Direção: Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith. Produção: Matthew A. Cherry, Karen Rupert Toliver, Monica A. Young. Estados Unidos: Sony Pictures Releasing, 2019. Disponível em: https://youtu.be/kNw8V_Fkw28. Acesso em: 28 abr. 2023.

JOHANSSON, A.; BRUNNBERG, E.; ERIKSSON, C. Adolescent girls' and boys' perceptions of mental health. *Journal of Youth studies*, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 183-202, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13676260601055409?journalCode=cjys20>. Acesso em 05 de julho de 2022.

LIEBENBERG, L. The visual image as discussion point: increasing validity in boundary crossing reserach. **Qualitative Research**, [s.l.], v. 9, n. 4, p. 441-467, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1468794109337877>. Acesso em 05 de julho de 2022.

LIMA, C. M.; SANTOS, S.; SILVESTRE, G. C. S. B.. Cinema e Promoção da Saúde: Experiência com Cine-Debate. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, Agosto de 2018, Vol.8, no 22, p. 1-9. ISSN: 2236-8876 (Online). DOI: 10.25242/887682220181257

LONGARETTI, L. Perceptions and experiences of belonging during the transition from primary to secondary school. **Australian Journal of Teacher Education**, [s.l.], v. 45, n.1, p. 31- 46, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14221/ajte.2020v45n1.3>

LOU. Direção: Dave Mullins. Roteiro: Dave Mullins. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2017. Disponível em: Disney+. Acesso em: 28 abr. 2023.

LUZ, R.T.; COELHO, E.A.C., TEIXEIRA, M. A., BARROS, A. R., CARVALHO, M. F. A. A., ALMEIDA, M. S. Saúde mental como dimensão para o cuidado de adolescentes. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 5, p. 2087-2093, 2018 . 102 Disponível em: www.scielo.br/j/reben/a/pgnz4JfFfMLmtbLvhVzWGCN/?format=pdf&lang=pt

MANNAY, D. Cartografiar imagens – representar graficamente lo visual y lo creative en la investigación en Ciencias Sociales. In: MANNAY, D. Métodos visuales, narrativos y creativos en investigación cualitativa. Narcea Ediciones, Edição 1, 2017. p.19-35.

MARRIEL, N. S. M.; NJAINE, K.; ASSIS, S. G.. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINI, P.; AVANCI, J. Q.; NJAINE, K. Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores. [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023, cap. 2, p. 43-70. ISBN 978-65-5708-150-1. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557082126>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. - 14 ed.- São Paulo: Hucitec: 2014.

MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, A.B.; SANTOS, A. P. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n.4, p. 457-464, out/dez 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943/7450>

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; ANDRADE, A. L. M.; MICHELI, D.; CARLOS, D. M.; SILVA, M. A. I. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: soping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 8, e00150020, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X0015002>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-Americana da Saúde. Folha Informativa- Saúde Mental dos adolescentes. 2021. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso em 24 de junho de 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; 2022. Transformar cada escola em uma escola promotora de saúde: Padrões e indicadores globais. Washington, D.C.: Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. <https://doi.org/10.37774/9789275725122>.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. DESMISTIFICANDO A CONCEPÇÃO DE ADOLESCÊNCIA. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D.. Parte cinco - adolescência. In: PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

RED: Crescer é uma Fera. Direção: Domee Shi. Estados Unidos: Pixar e Walt Disney Pictures, 2022. Disponível em: Disney+. Acesso em: 26 maio 2023.

RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINI, P.; AVANCI, J. Q.; NJAINE, K. Impactos da violência na escola: Um diálogo com professores. [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023, cap. 2, p. 43-70. ISBN 978-65-5708-150-1. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557082126>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ROSSI, L.M.; MARCOLINO, T.Q.; SPERANZA, M.; CID, M.F.B. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p.1-12 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000305004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 de julho de 2022.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L.(Orgs). Território: Globalização e Fragmentação. 4 ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1998.

SILVA, M. A. I. et al. Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. **Ciênc. saúde coletiva** v. 19, n. 2, pp.619-627, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-81232014192.22312012>.

SILVA, A. G.; RODRIGUES, T. C. L.; GOMES, K. V. Adolescência, Vulnerabilidade e Uso Abusivo de Drogas: a redução de dados como estratégia de prevenção. **Psicologia Política**, [online], v. 15, n.33, p. 335-354, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n33/v15n33a07.pdf>

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa qualitativa. IN: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, T. T. Arte, cultura e saúde mental: histórias de adolescentes vinculados a projetos artístico-culturais. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) -- Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2022.

SOUZA, T. T.; ALMEIDA, A. C.; FERNANDES, A. D. S. A.; CID, M. F. B. Promoção Em Saúde Mental De Adolescentes Em Países Da América Latina: Uma Revisão Integrativa Da Literatura. **Cienci Saúde Colet**, [s.l.], v. 26, n. 07, p. 2575- 2586, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07242021>. Acesso em 24 de junho de 2022.

SKLIAR, C. (2016). A Materialidade Da Morte E O Eufemismo Da Tolerância. Duas Faces, Dentre As Milhões De Faces, Desse Monstro (Humano) Chamado Racismo. **Revista Prâksis**, 1,15–26. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/520>. Acesso em 29 de junho de 2022.

TAÑO, B. L. et al. Atenção Psicossocial e Intersetorialidade: entre o lugar do saber e o saber do lugar. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial**. ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. cap. 1, p. 2-20. ISBN 978-65-5576-192-4.

TEIXEIRA, M. R. et al. Atenção Psicossocial e Promoção de Saúde Mental nas Escolas. In: FERNANDES, A. D. S. A. et al. **Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção**

psicossocial. ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2021. cap. 3, p. 2-20. ISBN 978-65-5576-192-4.

WELLS, J.; BARLOW, J.; STREWART - BROWN, S. A systematic review of universal approaches to mental health promotion in schools. **Health Education**. v.103, n 4, 2003, pp. 197-220.

WILLRICH, J. Q., BIELEMANN, V. L., CHIAVAGATTI, F. G., KANTORSKI, L. P., & BORGES, L. R. (2013). Ambiência de um centro de atenção psicossocial: fator estruturante do processo terapêutico. **Revista De Enfermagem Da UFSM**, 3(2), 248–258. <https://doi.org/10.5902/217976927977>